

Que tribo é esta? Para compreender as notícias, é preciso conhecer os jornalistas

Valci Zuculoto*

TRAQUINA, Nelson. *A Tribo Jornalística – uma comunidade transnacional*. Lisboa, Editorial Notícias, 2004.

O ofício de levar informação à sociedade já atravessou quatro séculos. Mas chega àquele que deveria ser, enfim, o seu tempo – o da Era da Informação – paradoxalmente ainda envolto em diversas incertezas, polêmicas, questionamentos e condenações, tanto teóricas quanto práticas. Permanecem com respostas em construção perguntas sobre, afinal, o que é o jornalismo, porque as notícias são como são e o que aqueles que as produzem têm a ver com isso. Quem são, por fim, os jornalistas? Que papel se atribui a estes profissionais? Como eles próprios acham que deveriam desempenhá-lo? Como e com base em que regras, valores realmente exercem a profissão? Trata-se mesmo de uma profissão? E qual a formação mais apropriada?

O jornalismo, enquanto campo teórico, embora muito já tenha percorrido para sua afirmação epistemológica, volta e meia retorna à situação que Otto Groth descreveu em meados do século passado: *“a ciência jornalística teve que conquistar, passo a passo, um lugar entre as disciplinas científicas, e ela carrega, ainda hoje, vestígios claros da luta por seu reconhecimento”* (GROTH, 2006:183). No exercício diário do ofício, os jornalistas também já contabilizam conquistas. Mas não é menos árdua sua luta por valorização e consolidação de uma identidade profissional. Por exemplo, em boa parte dos países, inclusive no Brasil, ainda não conseguiram, se não definitiva, pelo menos justamente, demarcar seu território de atuação, consolidar suas identidade e organização profissionais. No ensino do jornalismo, professores e estudantes também se vêem às voltas com uma gama de grandes e pequenas batalhas cotidianas em busca de qual é a adequada e qualificada formação para um jornalista. Até a sociedade – e não poderia ser diferente nesta Era em que a informação adquire ainda maior centralidade – cada vez mais se envolve nos debates acerca do que é e do que deve ser o jornalismo.

Por tudo isso, mesmo sendo lugar comum em resenhas, recomendamos, como leitura imprescindível, *A Tribo Jornalística – uma comunidade transnacional*, de Nelson

Traquina. Após examinar esta obra, não há como resistir ao chavão: é um livro que não pode deixar de ser lido por professores, estudantes, pesquisadores e profissionais do jornalismo, principalmente. E também por todos que, por um motivo ou outro, se interessam ou necessitam compreender um pouco mais sobre as práticas e teorias do jornalismo. Afinal, como justifica o próprio autor, para se compreender as notícias que produzimos ou recebemos diariamente, precisamos ter conhecimento da cultura dos profissionais que as elaboram, os jornalistas (TRAQUINA, 2004: 12).

Porque as notícias são como são, Traquina aborda em livro anterior. Em edição brasileira, foi publicado como Volume I, de Teorias do Jornalismo e trata de uma sociologia do jornalismo (TRAQUINA, 2004). É no Volume II que ele se dedica a uma sociologia dos jornalistas, buscando constatar que tribo é esta de agentes especializados em produzir a informação que chega à sociedade através das notícias de cada dia, e partir disto compreender o próprio jornalismo (TRAQUINA, 2005). Nesta resenha, examinamos a edição portuguesa.

Para produzir *A Tribo Jornalística*, Traquina perseguiu duas linhas: a consolidação teórica e a exploração teórica - lançou mão principalmente desta última -, testando a hipótese de que os jornalistas formam uma comunidade interpretativa transnacional. Na primeira parte, para evidenciar que os jornalistas constituem uma comunidade interpretativa, resgata a história universal do jornalismo e de seus paradigmas, apontando que dois processos fundamentais marcam a evolução da atividade: a comercialização e a profissionalização dos seus trabalhadores. Verifica que a história do jornalismo é também a do processo de profissionalização da comunidade jornalística, que teve como referência as profissões liberais. Demonstra que a conquista da profissão passou pela construção de uma cultura profissional de dimensões míticas, onde a liberdade é valor central e também se sobressaem independência, autonomia, credibilidade e verdade.

Entre outros valores e normas, igualmente ressalta a objetividade, sobre a qual recai uma das polêmicas do jornalismo. Para Traquina, ainda hoje se comete um grande erro neste debate: reduzi-lo a uma simples dicotomia entre objetividade e subjetividade. Isto porque a objetividade é uma das sustentações da credibilidade jornalística. Analisando a formação da identidade profissional, também faz emergir as maneiras específicas e próprias dos jornalistas falarem, agirem, verem o mundo, e ainda como e quanto estes elementos

implicaram na formação de uma cultura noticiosa – os critérios de noticiabilidade que acabam por informar ao público uma “realidade seletiva”. Com base em todas estas verificações, Traquina sustenta que *“a comunidade jornalística é uma tribo e as características e ideologia dessa tribo são um fator crucial na elaboração do produto jornalístico”* (TRAQUINA, 2004:126).

A segunda parte do livro é dedicada a testar que além de uma comunidade interpretativa, a tribo jornalística é transnacional. Traquina busca esta comprovação através de duas análises comparativas: uma sobre conteúdo de coberturas jornalísticas de uma problemática – a AIDS - e a outra dos estudos sociológicos internacionais sobre os jornalistas. A análise sobre a cobertura da AIDS, que incluiu cinco jornais (um brasileiro – a Folha de São Paulo) de quatro países em três continentes, apontou para uma cultura noticiosa comum. A outra foi feita em cima de *“estudo comparativo de Patterson e Donsbach sobre cinco comunidades jornalísticas, único na história da sociologia dos jornalistas”* (TRAQUINA,2004:183). Foram pesquisados jornalistas dos Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, Itália e Suécia sobre seus valores profissionais. Nesta análise, Traquina encontra *“dados empíricos claros”* para corroborar sua tese. Ou seja, independente à qual das comunidades de jornalistas existentes no mundo pertencem, estes profissionais têm referenciais e valores comuns, consensos acerca do que é o jornalismo e de como exercê-lo, elaborar suas notícias, suas reportagens.

Assim, observa que o processo de profissionalização dos jornalistas, embora ainda não completo, *“é irreversível”*, tendo a formação universitária como *“uma metatendência na evolução da tribo jornalística”* (TRAQUINA,2004:184). E chega à conclusão:

“[...]a comunidade jornalística é uma comunidade transnacional em que os jornalistas nos diversos países partilham valores-notícias semelhantes e toda uma cultura profissional. [...] partilham, com variações de intensidade, um sistema de valores que fornece uma identidade clara do profissional, de tal modo que a tribo jornalística é transnacional” (TRAQUINA,2004:184).

A leitura de *A Tribo Jornalística*, com certeza, propicia um maior conhecimento da comunidade dos jornalistas e por conseqüência, mais compreensão sobre porque as notícias são como são, avançando-se na afirmação das necessidades de consolidação de um campo próprio para o jornalismo, tanto profissional quanto teórico.

BIBLIOGRAFIA

GROTH, Otto. *Tarefas da Pesquisa da Ciência da Cultura*. In: MAROCCO, Beatriz e BERGER, Christa (Org.). *A Era Glacial do Jornalismo – Teorias Sociais da Imprensa*. Porto Alegre, Editora Sulina, 2006.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo. Volume I: Porque as notícias são como são*. Florianópolis, Insular/Posjor-UFSC, 2004.

_____. *Teorias do Jornalismo. Volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis, Insular/Posjor-UFSC, 2005.

*A resenhista é jornalista, professora de jornalismo da UFSC, mestre e doutoranda em Comunicação da PUCRS, com bolsa da CAPES, diretora da Federação Nacional dos Jornalistas e do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo.